

Narrativas socioambientais, afeto e experimentação em plataformas transmídias¹

Katarini Miguel²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

Partimos do pressuposto que as organizações ambientalistas, na vanguarda tecnológica, atuam com uma miscelânea de formatos, gêneros e possibilidades multimídias para a prática de uma comunicação estratégica e jornalística, mas também experimental e ciberativista. Nesse sentido, percebemos um investimento em plataformas transmídias, que reflete na transformação do jornalismo convencional e evidencia, além da utilização de recursos tecnológicos, uma aposta sensorial e de imersão, se aproximando aqui do que denominamos, com apoio de Medina (2008), de narrativas dos afetos. Mas como se configuram essas narrativas? Estão no campo do jornalismo? Quais recursos utilizam? Para esclarecer essas questões, iniciamos uma investigação exploratória com as narrativas produzidas pelo Instituto Socioambiental, que indicam os contornos dessa proposta imersiva e afetiva.

Palavras-chave: Narrativa Jornalística; Transmídia; Movimento Socioambiental; Afetos

Preâmbulo

O presente trabalho, excerto de pesquisas em andamento desenvolvidas no curso de Jornalismo e Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul³, tem como horizonte uma investigação a respeito da comunicação produzida pelos movimentos socioambientais no ambiente em rede, na tentativa de entender de que maneira a apropriação tecnológica está interferindo na divulgação das causas e, até

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: katarini.miguel@ufms.br

³ Nos referimos ao projeto de pesquisa “Pensar a Cibercultura Ambientalista”, em andamento desde 2014, e a pesquisa de Iniciação Científica em fase inicial “Narrativas Ambientalistas em Plataformas Transmídias”, ambos em desenvolvimento na UFMS.

mesmo, influenciando na produção jornalística realizada. Partimos de uma hipótese, em suspeição, de que essas linguagens, no plural – a técnica e a discursiva -, estão propiciando a construção de narrativas de afetividade, ou seja, paradoxalmente ou não, a produção dessas instituições estão aproveitando os diferentes formatos multimidiáticos e as possibilidades da internet para abordar os temas de interesse de forma mais imersiva, se colocando no centro dos acontecimentos e revelando o outro, em um processo que dilata o ativismo e se liberta das amarras do denunciismo e do pragmatismo das técnicas jornalísticas mais convencionais. Explicaremos na sequência. Convém adiantar que tratamos aqui de formatos hipermidiáticos, transmídias e longforms, definidos, principalmente, pela ótica de Longhi (2014) e Jenkins (2009).

Para clarear o cenário, ao longo desse artigo buscamos discutir as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e as transformações do jornalismo frente aos avanços tecnológicos, as possibilidades narrativas desenvolvidas na cibercultura, e quais os pontos de contato com o ciberativismo e o midiativismo. E, por fim, explorar exemplos extraídos do portal do Instituto Socioambiental, organização que, pela nossa observação, está investindo em diferentes modelos, linguagens e plataformas para divulgação da causa ambiental, para problematizar, ainda que de forma preliminar, a composição narrativa e seu enquadramento jornalístico.

As discussões estão em processo e as hipóteses sendo construídas e desconstruídas em conformidade com a volatilidade da rede de computadores. É prudente ressaltar que não tratamos com métodos rígidos com padrões pré-estabelecidos, já que é próprio do ambiente em rede as mutações e alterações em curto espaço de tempo, além do que a proposta dos afetos e da sensibilidade conceitual aqui colocada também deve refletir no plano metodológico, que se mostra menos pragmático e mais reflexivo. Nesse sentido, o “pesquisador precisa também exercitar sua capacidade de perceber as idiosincrasias oferecidas pelo campo empírico, questionando-se permanentemente e construindo uma sensibilidade para a pesquisa” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p.106). Os procedimentos metodológicos se pautam em uma triangulação de métodos, que são complementares e permitem ampliar a compreensão do fenômeno estudado, agregando a vertente exploratória, qualitativa/descritiva e propositiva. Ademais da discussão teórica, que segue no próximo item, para alicerçar o entendimento do contexto e ajudar no entendimento dos indícios e características de cada produção.

Tecnologias de afetividade

Tratamos aqui do âmbito da cibercultura, aquela que não se reduz ao ambiente digital e ou em rede, mas que inunda as formas de sociabilidade e impacta as práticas cotidianas, instaurando diferentes narrativas de ações coletiva, com instâncias próprias de intercâmbios, debates, propostas, baseadas na logística de redes militantes, formas de solidariedade, que apresentam, obviamente, falhas, limites e restrições, mas que podem legitimar movimentos de valores (MATTELART, 2006). Na nossa perspectiva de estudo, as organizações ambientalistas, que compõem na contemporaneidade os movimentos ambientais, tomaram a vanguarda tecnológica e se apropriaram da rede e das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) para disseminar suas causas, divulgar projetos, ações, campanhas de preservação, educação ambiental, problemáticas de degradação, poluição, visibilizando suas preocupações sociais e ambientais para conquistar legitimidade e consequente engajamento. Estabelecem uma cibercultura⁴ própria, facilitada pelo acesso, multiplicidade de recursos, otimização de custos e eliminação (ou minimização) dos filtros. Uma performance técnica e discursiva que reconfigura os modelos de comunicação, debate e ativismo; “investe em diferentes mídias sociais digitais e desenvolve linguagens específicas para cada meio, conquistando visibilidade, autoridade e repercussão” (MIGUEL, 2014, p.199).

Estratégias como a do midiativismo e ciberativismo (UGARTE, 2007) são colocadas em prática e prenunciam um jornalismo engajado. As normativas jornalísticas de imparcialidade, veracidade e objetividade se alargam e a estrutura informativa, alicerçada na lógica das mídias sociais digitais, defende uma causa, um projeto de empoderamento, participação e de visibilidade de problemáticas sociais. E nesse sentido, identificamos também a tendência de construção de narrativas mais imersivas, que envolvam o receptor em uma experiência sensível, tanto por ser sensorial, como por revelar, por meio de estratégias multimidiáticas, a preocupação com a descrição, com o outro enquanto participante e ou protagonista (mais que fonte de informação), revelando

⁴⁴ Nosso ponto de partida é Rudiger (2011, p.7) para quem a “cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio, mas também um campo de reflexão intelectual pujante, divididas em várias tendências de interpretação”. A nossa leitura parte da potência virtual que transcende o físico, portanto, a cibercultura como a própria cultura contemporânea.

um diálogo dos afetos (MEDINA, 2008), que precisa ser melhor compreendido e sistematizado cientificamente.

As organizações ambientalistas estão extrapolando os convencionais sites e blogs e criando plataformas transmídias, aquelas que se desenrolam em diferentes espaços midiáticos ou não (com texto, vídeo, áudio, imagens, campanhas, objetos), cada qual com uma nova informação, compondo um todo informativo que atravessa a multimídia, e que deve ser lido, na nossa concepção, enquanto produção jornalística.

Como coloca Jenkins (2008, p.27) o processo envolve a própria convergência dos meios, a cultura participativa e a inteligência coletiva, em uma aposta de “fluxos de conteúdos, através de múltiplos suportes midiáticos à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”. Em resposta à convergência surge ainda a nova estética, denominada transmídia, na perspectiva “de criação de um universo”. A narrativa transmidiática se desenvolve através de múltiplos suportes midiáticos “com cada novo texto, contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2008, p. 135).

Renó e Flores (2012) colocam, entre os pressupostos da narrativa transmídia, a intertextualidade dos conteúdos, circulação por redes sociais, a interatividade, a expansão digital e a mobilidade do conteúdo, materializados em estruturas hipermídias – construção permeada por links e pelo encadeamento não linear de conteúdos complementares.

Também as produções jornalísticas hiper ou transmidiáticas das organizações podem carregar características do que Longhi (2016) denomina como narrativa *longform*, ou seja, formato da internet com leitura vertical, dividido por capítulos ou temáticas, que investe no aprofundamento do assunto e nas possibilidades de imersão do leitor por meio de imagens, sons, audiovisuais, infografias e outros recursos. Com a possibilidade *longform*⁵, surge um ponto de virada em relação aos produtos jornalísticos, “na forma de especiais multimídias, nos quais o texto, geralmente longo, era tratado e disponibilizado na forma de fragmentos, divididos nas diversas seções dos produtos” (LONGHI, 2014, p.913). A autora fala em evolução da grande reportagem multimídia, inclusive na complexidade dos temas tratados.

⁵ Em tradução direta indica formato longo, e se materializa, no jornalismo, com a grande reportagem. Longhi (2014) calcula que as produções *longforms* tenham em média 10 mil palavras. Um dos marcos desse formato é a publicação “*Snow Fall*”, produzida pelo The New York Times, em 2012. No Brasil, um dos pioneiros foi o especial da Folha de S.Paulo, em 2013, “A Batalha de Belo Monte” (<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>)

Esta forma de narrativa textual mais consistente, que segue um padrão de leitura vertical, dado pela barra de rolagem, tem marcado a grande reportagem multimídia contemporânea. Ao mesmo tempo, atende a um questionamento sobre a qualidade da narrativa jornalística frente à fragmentação textual em produtos como os especiais multimídia. O interesse que tem despertado nos leitores, assim como o destaque que esses produtos multimidiáticos vêm obtendo no jornalismo online, respondem a uma questão bastante presente quando o assunto é leitura na tela: quem lê o texto longo? (...) há um público leitor para esse tipo de tratamento do texto narrativo, e que, seguramente, o jornalismo online vem ganhando em qualidade com esse tipo de formato. (LONGHI, 2014, p.914)

São narrativas que se sobressaem, frente às transformações do próprio jornalismo, impactado pelas TICs. Se apresentam como formas de tratamento de temáticas abrangentes, que envolvem pluralidade de fontes de informação, recursos estilísticos e empréstimo de técnicas literárias, aliados aos formatos audiovisuais, imagéticos e colaborativos. Nesse caso, visualizamos que os temas socioambientais podem ser tratados nessa estrutura; para esclarecer, por exemplo, conflitos ambientais, desmatamentos, aquecimento global, impactos em comunidades tradicionais. No âmbito da linguagem discursiva empregada, e pautando esses gêneros e formatos, como coloca Longhi (2014), enquanto herdeiros do jornalismo impresso, podemos recorrer ao Coimbra (2002) que divide a tipologia da reportagem em dissertativa, descritiva e narrativa. Narrar enquanto atitude, estilo, compromisso com a história. A reportagem narrativa traz diferentes expressões de tempo e ritmo, com os fatos organizados em uma relação que revela a alteração de pessoas e coisas (COIMBRA, 2002). A descrição no jornalismo carrega efeitos de sentido e subjetividade ao “selecionar aspectos que mais impressionam o sentido”, e envolver o leitor naquela trama (COIMBRA, 2002.p.197).

Esses elementos do texto estão presentes no ambiente tecnológico e permitem explorar paradigmas que inquietam e ajudam a entender a complexidade de determinados assuntos sociais e ambientais. Medina (2008), que é nosso norte no entendimento das narrativas dos afetos, fala em inclusão dos públicos nas informações recebidas para que se compreenda uma problemática e se sinta parte dela. Nesse sentido, vemos que as narrativas buscam experimentar as linguagens para atingir esse envolvimento, colocam o outro em evidência, configuram uma pluralidade. A autora fala no direito à ternura, como paradigma de convivência, que deve estar refletido na proposta das narrativas complexas

– aquelas que aceitam o diferente sem dominá-lo a partir da lógica hegemônica, que integram, que se pautam pela empatia com o outro: o personagem da notícia e o receptor.

São exemplos que podem ser parametrizados, sinalizam para as questões aqui discutidas e problematizam os formatos, inclusive entendendo a aproximação com o diálogo dos afetos, evidenciado por Medina, as narrativas do Instituto Socioambiental: “Menos preconceito, mais índio” (campanhas.socioambiental.org/maisindio/); “Uma Outra Economia é Possível” (medium.com/@socioambiental/economia-do-conhecimento-na-terra-do-meio-4ce998d8f61a); “Fogo na Floresta” (www.socioambiental.org/pt-br/apps/fire-in-the-forest) e, por fim, aquela que identificamos como mais próxima dos conceitos aqui discutidos, a plataforma “O Ribeira Vale!” (ribeiravale.org).

O afeto e a experimentação nas narrativas socioambientais

O Instituto Socioambiental se autodefine enquanto organização da sociedade civil brasileira, fundada em 1994, com foco “na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos” (SOCIOAMBIENTAL). Tem como programa permanente a ‘Comunicação e Relacionamento’, que desenvolve, segundo informação consta, campanhas, projetos digitais, produção de material audiovisual, textual, conteúdo para redes sociais, visando à mobilização e o envolvimento com a sociedade.

As narrativas aqui exploradas foram desenvolvidas pelo ISA e constavam na página inicial do portal (www.socioambiental.org), como destaque rotativo, no momento da nossa coleta de dados, entre abril e maio de 2017. Selecionamos aquelas que mais se aproximavam, tanto da proposta transmídia como do diálogo dos afetos, e ajudam a entender esses novos formatos em um contexto de experimentação. O olhar se voltou mais atentamente à campanha ‘O Ribeira Vale!’ por apresentar elementos mais próprios da *longform*.

A primeira delas, #MenosPreconceitoMaisÍndio”, é uma campanha de performance militante para combater a discriminação indígena e para isso rememora o que é (o) ser índio. A mídia aqui, uma página de internet com textos, hiperlinks, vídeos é usada na perspectiva midiativista, com fortes incentivos de compartilhamento, na tentativa de sensibilizar, mobilizar e até viralizar a campanha e ganhar adesões. O

discurso empregado revela a sensibilidade. “O Instituto Socioambiental convida o Brasil a olhar os povos indígenas com mais generosidade, respeito e sem preconceito”. Apesar de não se estender no texto, para atender a tendência *longform*, por exemplo, o espaço oferece uma leitura vertical, não linear e com possibilidades de se aprofundar no conteúdo, a partir dos links disponibilizados que levam para mais informações sobre as etnias indígenas em outras mídias (da mesma organização, como pib.socioambiental.org/pt/povo/baniwa). O vídeo principal, de pouco mais de um minuto, é narrado, em língua nativa, pelos índios da etnia Baniwa, que vivem no Alto do Rio Negro (AM). Com um tom irônico e próprio do ficcional, a personagem/protagonista/sujeito da própria história afirma ironicamente que eles (os indígenas) “andam pelados”, “vivem isolados”, “não conectados”, “comem com a mão”, “não tem pátria, nem religião”, enquanto as imagens contradizem o dito. Ao final questionam: “tudo mudou, e você continua sendo homem branco, porque a gente não pude mudar e continuar sendo índio?”. A experimentação aqui se dá, menos na técnica, e mais na linguagem discursiva empregada, na construção problematizadora do preconceito, que coloca o indígena como sujeito, em primeiro plano, e como ator, rompendo com a lógica dominante e com a invisibilidade de etnias, em especial, a Baniwa. Elementos que indicam engajamento, mas também a empatia e a sensibilidade na construção do discurso. A transmidialidade está presente pela intertextualidade, diferentes plataformas (site, blog, youtube, facebook..)

Em uma outra vertente, focada no texto, está a grande reportagem “Economia do conhecimento na Terra do Meio, e o minidocumentário dividido em episódios “Xingu, História dos produtos da floresta”, sob o título “Uma outra economia é possível”, publicados no portal *Medium* (espaço de produção textual colaborativa, voltado para contar e compartilhar histórias de forma gratuita). Nesse caso, o ISA divulga a narrativa em seu portal institucional, mas a leitura e o acompanhamento são feitos na mídia alternativa, o que mostra certa independência institucional e tentativa de alcançar outros públicos. A reportagem, assinada por jornalista, pauta como as comunidades tradicionais, de uma área entre os rios Xingu e Iriri (PA), estão desenvolvendo uma economia própria, que valoriza a biodiversidade, a partir de um extrativismo responsável. No quesito da estrutura textual, a tipologia utilizada privilegia os elementos descritivos e narrativo, tais como apontados por Coimbra (2002), com foco narrativo em primeira pessoa, construção das cenas, ambientação, descrição das personagens. Comprovamos nesse trecho inicial:

No alto do morro da comunidade do Rio Novo, no rio Iriri, encontram-se três casas de madeira, cada uma pintada por um tom de verde diferente. Da casa de Dona Chagas e seu Aguinaldo, a primeira à esquerda, até a casa de Raimunda, sua filha, passamos gradativamente do verde-escuro ao verde-claro. São cores vivas que contrastam com os diversos verdes e marrons das águas dos rios que são longamente atravessados para chegar até ali. Logo atrás das casas, uma construção de alvenaria chama a atenção: é a primeira miniusina da Terra do Meio, uma pequena fábrica que processa produtos florestais não madeireiros, como a castanha-do-pará e o mesocarpo do babaçu (YAMAOKA, 2017).

A perspectiva transmídia se dá ao utilizar fotos, textos e vídeo; estar presente no portal institucional, na plataforma colaborativa *Medium*, na rede Youtube e tentar, por meio da construção textual e dos recursos multimídias, fazer o receptor conhecer aquela realidade com detalhamento e profundidade, proporcionados pela estrutura da reportagem, que apresenta elementos literários, mas não negligencia a informação, com dados e estatísticas das áreas e comunidades retratadas. Novamente, assistimos o protagonismo das fontes, aqui colocadas como personagens, em uma perspectiva mais afetiva. O minidocumentário, tem apoio da narração em *off*, traz os membros da comunidade como fontes de informação, além dos especialistas da própria ONG. O texto é dividido em intertítulos (e não capítulos), se aproxima da *longform*, apesar de deixar a desejar nos recursos tecnológicos e na experimentação dos formatos multimídias, portanto, tem mais lastro na reportagem multimídia, mas não pretendemos uma concepção fechada para o formato.

A narrativa “Fogo na Floresta” é mais experimental e focada em um audiovisual feito com cenas em 360 graus, com a intenção de inserir o receptor no cotidiano da comunidade indígena de Waurá, no Parque Indígena do Xingu, Amazônia mato-grossense. O breve filme em realidade virtual, tem sete minutos, foi lançado em abril de 2017, em parceria com a Academia de Filmes, e conta com página no portal institucional que contextualiza a produção com textos, galeria de imagens e aplicativos disponíveis para visualização do documentário, que também pode ser visto pelo Youtube. Aqui a realidade virtual, dispositivo que amplia a sensação de presentificação, dá o tom da imersão. O indígena é, novamente, o ator principal, o protagonista que mostra a própria realidade, e o espectador adentra naquela história propiciado pela simulação da interface tecnológica, mas ao mesmo tempo pelas lentes engajadas e subjetivas do narrar. O audiovisual apresenta o cotidiano em primeiro plano - “um dia na Aldeia dos índios

Waurá” -, destacando que as práticas tradicionais coexistem com as inovações da tecnologia próprias da ‘modernidade do homem branco’ para, posteriormente, denunciar o fogo descontrolado nas áreas, que causa desmatamento e as mudanças climáticas. O filme traz uma perspectiva de defesa das comunidades e de desvendamento de uma dinâmica de vida que foge do convencional, do hegemônico.

Nosso último e mais singular exemplo é a campanha “O Ribeira Vale!”, colocada no ar pelo ISA em fevereiro de 2017, para divulgar as problemáticas socioambientais do Vale do Ribeira (SP) e reivindicar o reconhecimento das terras quilombolas da região. Trata-se da última área contínua de Mata Atlântica no Brasil, onde vivem 26 comunidades quilombolas reconhecidas, mas apenas seis tituladas. Na plataforma de comunicação, denominada como transmídia (JENKINS, 2009), a história é contada em diferentes formatos midiáticos e com linguagens distintas.

No texto da abertura é explicitada a proposta imersiva: “um mergulho no modo de vida e na rotina quilombola”, já reforçado pelo trocadilho do título ‘o Ribeira Vale!’. Na sequência, estão distribuídas 14 diferentes temáticas relacionadas como ‘florestas’, ‘diversidade agrícola’, ‘turismo’, ‘culinária’, ‘danças’, ‘caiçaras’, ‘índios guaranis’, abordadas a partir de técnicas jornalísticas, com fontes documentais, pessoais, descrição e narração, além de imagens e hiperlinks.

Na seção ‘Por que amamos o Ribeira’ estão os depoimentos dos quilombolas em vídeo. Ainda que o caráter seja mais institucional, com relatos da atuação do ISA nas localidades, há a tentativa de dar voz e protagonismo a esses grupos e, de forma subjetiva, revela relações de afetividade, tão necessárias para uma causa. Há também o recurso ciberativista da petição online “para pressionar o governo a titular os territórios quilombolas e garantir a sobrevivência de uma cultura centenária que ajuda a preservar esse precioso pedaço da Mata Atlântica no Brasil”. Com linguagem coloquial e convidativa, o internauta é estimulado a participar, assinar e integrar a narrativa.

O cerne da plataforma é a websérie ‘Ribeira Essencial’, dividida em quatro episódios – ‘A chegada’, ‘A busca’, ‘A criação’, ‘Integração’ – mostra a visita dos alunos de Design Essencial da Faculdade Belas Artes (SP) à comunidade quilombola de Ivaporunduva. A construção audiovisual evidencia o encontro do contemporâneo com o tradicional; do famigerado designer dos laboratórios com o artesão da terra, aquele que carrega a memória do belo como valor ancestral. Os quilombolas são os protagonistas ao narrarem seu cotidiano, dificuldades e expectativas, de forma dialogada e integrando as

duas realidades. No último episódio, as palavras ‘existir’, ‘resistir’, ‘ressignificar’ resumem a experiência narrada. A experiência deu lugar a um depoimento do arquiteto que acompanhou o projeto. Em primeira pessoa e com a subjetividade necessária para revelar afetos e a experiência de transformação ele escreveu o texto “O que aprendi com os quilombolas do Vale do Ribeira”. Diferentes formatos e intenções compoem a narrativa.

A plataforma em análise demonstra as possibilidades oferecidas pelas ferramentas tecnológicas para abordar temáticas socioambientais delicadas de forma mais completa e imersiva, permitindo que a história dos quilombos, suas tradições e o contexto sejam abordados em diferentes mídias e com propósitos distintos: se envolver, reivindicar, se sensibilizar, resgatar relações e tradições. Com isso, vislumbramos a proposta de uma estrutura textual e multidimêtrica, com técnicas jornalísticas, mas, sobretudo engajada e preocupada com o outro. É isso, esse misto de empatia – com o receptor, com as personagens e com o mundo – aliado aos recursos midiáticos, que denominamos, ainda que imprecisamente, como narrativa dos afetos. O caminho está sendo trilhado e algumas considerações são feitas na sequência para arrematar nossas ideias iniciais

Considerações finais

As narrativas colocadas aqui como experimentais, apresentam características transmídias, *longforms*, hipermídias, evidenciam diferentes possibilidades informativas (e formativas), contemporizam o papel do jornalismo, das tecnologias e da própria comunicação ambiental. Nos deparamos com uma crise de paradigmas, que reflete no jornalismo, incluindo aquele praticado no seio de organizações, fora dos meios convencionais, e é preciso entender e redimensionar nossas práticas, passando pelo entendimento das múltiplas linguagens. Del Bianco (2012) enumera as modalidades da convergência tecnológica, que vimos refletir diretamente na prática jornalística: 1. A centralidade da internet – ambiente de informação, comunicação e ação múltiplo e heterogêneo; 2. As redes digitais – novas possibilidades de configuração, conexão, interfaces que alteram a produção, distribuição e transmissão de conteúdo; 3. Um sistema de comunicação complexo e adaptável – capacidade das formas de mídia se adaptar às mudanças e inovações tecnológicas; 4. A coexistência entre meios novos e tradicionais – interatividade ativa e compartilhamento de informação.

Nesse sentido, aventamos uma produção jornalística transmídia realizada para além das rotinas convencionais do jornalismo, e vemos também que essa dinâmica rebate conceitos caros ao jornalismo como objetividade, imparcialidade e isenção - heranças positivistas, questionada por Medina (2008), que são preconizadas como próprias do relato verídico e ilusão de informação adequada. Enxergamos nesses exemplos possibilidades, gêneros e formatos que mesclam a tradicional divisão dos gêneros jornalísticos, a partir da tipologia da reportagem, provando que a estrutura textual pode ser complexificada sim no ambiente em rede, com a experimentação tecnológica, a partir de audiovisuais, links, realidade virtual, produção colaborativa. O ponto de contato (ou de interesse) está no diálogo dos afetos – aquele que se aproxima do outro, que revela as subjetividades, com foco narrativo em primeira pessoa e empréstimo das técnicas literárias que tornam o acontecimento/fato uma história narrada e compartilhada. Existem ponderações. Os textos poderiam ser mais aprofundados, com divisões por temáticas, dando mais relevo para o diálogo entre narrador e personagem; os recursos tecnológicos mais explorados, se pautando pela experiência *longform* e transmídia.

A organização em questão atua com comunicação para a mobilização, como ela mesma prega, investe em produções para divulgar a problemática ambiental de forma mais atrativa, buscando não só militantes (na proposta ciberativista), seguidores e replicadores de mensagens (quando se volta para a lógica das redes sociais digitais), mas seguramente legitimidade para conquistar apoiadores de diferentes naturezas. Não há ingenuidade nesse processo. Além disso, os projetos e ações têm financiamento externo, público ou de agências de fomento, inclusive vinculados a empresas privadas. Colocamos a ressalva, mas esse não é nosso prisma. Enxergamos aqui a produção propriamente e como ela altera antigas fórmulas de produção de conteúdo, em especial jornalístico, e são importantes para trazer o outro, o invisível, o *abissal*⁶, numa referência à Boaventura Sousa Santos (2016), para o centro da narrativa midiática, como foram os casos das comunidades indígenas e quilombolas retratadas pelo ISA nos exemplos aqui colocados.

Não é possível uma conceituação fechada. Temos pistas. Com isso, esperamos que essa investigação evolua para identificar e problematizar novos formatos jornalísticos, ademais que possa delinear e refletir sobre a expressão comunicativa desses

⁶ Santos vê o abissal como uma metáfora para as linhas excludentes da sociedade contemporânea. “A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível”(SANTOS, 2007, p.71).

movimentos socioambientais, que fazem uso da estética transmídia para divulgação de causas tão relevantes.

Referências bibliográficas

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

DEL BIANCO, Nélia R. (org.). **O rádio brasileiro na era da convergência**. Coleção GP's E-books. Volume 5. São Paulo: Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, Intercom, 2012.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Site oficial**. Disponível em: <http://www.socioambiental.org>. Acesso em: 05 jul.2017

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suzana L. de Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009

LONGHI, Raquel. O turning point da grande reportagem multimídia. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, setembro-dezembro 2014. p. 897-917. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569> Acesso em: 05 de mai. 2017.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MEDINA, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, Ano 2, N.1, jul/dez 2008.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MIGUEL, Katarini. **Pensar a cibercultura ambientalista: comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil**. 2014, Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.

RENÓ, Denis y FLORES, Jesús. **Periodismo transmedia**. Madrid: Fragua editorial, 2012.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura – perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para além do pensamento abissal. In: **Novos Estudos**, São Paulo, v.79, nov. 2007.p. 71-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2017.

UGARTE, Davi. **El poder de las redes**. Madrid: Biblioteca de las Indias Electrónicas, 2007.

YAMAOKA, Marina. **Economia do conhecimento na terra do meio**. Disponível em:
<http://medium.com/@socioambiental/economia-do-conhecimento-na-terra-do-meio-4ce998d8f61a>. Acesso em: 10 jul.2017.